

TRAJETÓRIA DE UMA MULHER NEGRA, TRABALHADORA E MÃE NO ENSINO SUPERIOR: NARRATIVAS DE SI

Francisca Rosilene Benevides Silva Pereira

RESUMO

Este ensaio trata das vivências sobre a educação de uma mulher negra, trabalhadora e mãe, considerando o percurso até ensino superior. Durante as reflexões, o trabalho tinha por objetivo também expor as dificuldades de protagonistas que, da mesma forma que a pesquisadora, optam por adentrarem no espaço acadêmico, que faz questão de revelar de diferentes formas que este não condiz com sua realidade social, assim como a capacidade de superação diante dos desafios apresentados. Trazendo um recorte para o público feminino negro este trabalho visa trazer um enfoque voltado para a perspectiva de ressignificar as invisibilidades e, pontuar através das narrativas de vida a capacidade existente no âmbito das superações e assim, mostrar que existe a possibilidade do sucesso nesse espaço onde nos desvencilhamos apertadas, e trilhamos nossos caminhos, atingimos nossas metas, fazendo uso de cada ferramenta e detalhes relevantes que nos surgiu durante o percurso, usando de cada brecha, e assim atingirmos nossa meta (graduação).

Palavras-chave: Educação. Educação de mulheres negras. Trabalho doméstico.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso se apresenta no formato de ensaio. Essa escolha desde gênero decorre das diferentes tentativas de produzir um texto acadêmico que pudesse apresentar a narrativa autobiográfica de uma mulher, negra, doméstica, graduanda e casada que conseguisse apresentar um conjunto de reflexões sobre experiências que tive no decorrer de minha graduação.

Bertaux (2010) afirma que as pesquisas por narrativas podem ser contestadas por uma quantidade significativa de sociólogos, pois, mesmo apresentando dados de seu perfil de modo preciso, os (as) participantes podem não apresentar com exatidão os dados de suas trajetórias de vida ao longo das entrevistas. O autor apresenta a dúvida dos pesquisadores da seguinte forma: “seria uma ingenuidade confiar no que as pessoas dizem de seu percurso biográfico” (BERTAUX, 2010, p. 32). E, no mesmo parágrafo, contesta essa insegurança afirmando que “Uma pesquisa recente visando comparar informações colhidas por questionários e, de outro, por entrevistas do tipo narrativa de vida, demonstrou o equívoco desse pressuposto” (idem).

Durante três semestres, fiz o relato de várias experiências, anotando os dados em cadernos. Escrevi, de próprio punho, porque ainda não sabia digitar, sobre os temas pensando que as minhas experiências poderiam não ser significativas. Pensava se teria valor acadêmico, afinal, quem desejaria ler sobre a vida de uma mulher doméstica que estava fazendo graduação no interior de um estado do nordeste brasileiro?

Minha orientadora me fez entender que toda história faz parte da história e que a minha trajetória de vida poderia dialogar com a de muitas outras mulheres brasileiras que não nunca se viram representadas em textos acadêmicos.

É assim que as narrativas autobiográficas se apresentam. Como uma voz que rompe silêncios e como uma necessidade de apresentar também a partir do meu próprio ponto de vista aspectos positivos e negativos do processo de formação de um espaço que parecia não ser adequado para mim. Contei com o apoio de professores(as) e colegas de turma que me ajudaram a cuidar da minha filha enquanto lia os textos e fazia os trabalhos, enquanto assistia as aulas, enquanto participava de atividades formativas fora de sala de aula tão relevantes para a minha formação quanto os espaços formais de dentro da sala de aula.

O trabalho está organizado em três partes. No primeiro momento, ao mesmo tempo em que busco apresentar alguns dados sobre a educação das mulheres negras no Brasil, também faço uma reflexão sobre a disputa política para que a mulher negra possa sentir esse espaço também como seu. No segundo momento apresento segmentos de minha trajetória de vida para, por fim, propor um fechamento textual que não pode ser entendido como o fechamento desse percurso. A essa parte chamei “O caminho se faz ao caminhar”.

2 EDUCAÇÃO TAMBÉM PARA MULHERES NEGRAS: UMA TENTATIVA DE RESSIGNIFICAR AS (IN)SIGNIFICÂNCIAS (IN)VISIBILIZADAS

“Você queria fogo e os fósforos não acediam. Nenhum fósforo dava fogo. Todos os fósforos estavam decapitados e molhados”. (SONHOS - Dias e noites de amor e de guerra. Eduardo Galeano)

Ao que se refere à mulher negra, pode-se dizer que não tem sido tarefa muito fácil o acesso das mesmas tanto no espaço educacional, quanto em outros espaços. Desde tempos remotos, não só esse público, mas todo o seu povo vem sofrendo com a opressão que a classe dominante os impôs. O preconceito e o racismo exacerbado foram fatores que renderam uma série de obstáculos e que impediu o povo negro de atuar em papéis mais relevantes, cabendo-lhes apenas o lugar de figurante. Seu lugar na educação, bem como ao que se refere à inclusão

no seio da sociedade como um todo, ainda hoje é afetado por conta dessa herança histórica: o negro(a), aos olhos da sociedade colonizadora, não era visto como ser humano, assim como ainda nos dias atuais ainda não o é. Isso ocorre apesar de, aos poucos, a população negra vir conquistando seu espaço, provando que é (sim!) um ser dotado de inteligência. Contudo, essa comprovação precisa ocorrer todos os dias, incansavelmente. Como afirma, Ângela Davis (2016, p,109):

[...] De acordo com a ideologia dominante o povo negro era incapaz de avanços intelectuais. Afinal de contas ,tinham sido um bem móvel naturalmente inferior comparado com os epítomes (todas as coisas dos) brancos da espécie humana.[...] Mas se eles fossem realmente biologicamente inferiores, [...] nenhuma proibição de adquirir conhecimento teria sido necessária.

Enquanto o(a) negro(a) lutava para sobreviver e conseqüentemente ocupar um lugar menos hostil na sociedade, por volta do final do século XIX e início do século XX, as mulheres da elite também batalhavam para ser incluídas na sociedade e mais precisamente na educação de forma igualitária, pois mesmo que em classe social diferente dos(as) negros(as), as mulheres brancas também eram invisibilizada visto que viviam sob a sombra de seus maridos. Elas também passaram a visar assim por meio deste mecanismo(educação) uma brecha que as levariam a ganhar suportes necessários e suficientes que as libertariam das opressões a que foram impostas pela a lógica do patriarcado. Sobre a educação das mulheres da elite, June E. Habne discorre,

A educação para mulheres de classe alta era centrada na preparação para seu “destino final” de esposa e mãe [...]elas eram vistas como as guardiãs do lar e da família e mantedoras da “base moral” da sociedade . Alguma educação poderia auxiliá-las a serem mães melhores, e melhores companheiras para seus maridos (HABNE, 2013, p.57)

Ainda sobre essa questão, Guaciara Lopes Louro também traz sua parcela de contribuição, quando em seu texto “Mulheres na sala de aula”, fala sobre a luta travada em prol dessa causa por Nísia Floresta, sendo esta vista como sendo umas das pioneiras feministas do Brasil.

Nisia Floresta [...] denunciava a condição de submetimento em que viviam as mulheres no Brasil e reivindicava sua emancipação, elegendo a educação como instrumento através do qual essa meta seria alcançada (LOURO, 2009, p. 443)

As mulheres negras, por sua vez, pelo menos nesse quesito, se diferenciavam do público feminino da alta sociedade, pois desde sempre junto dos seus homens ou até mesmo sozinhas eram provedoras de seu lar. Segundo Bebel Nepomuceno,

Às mulheres negras não coube experimentar o mesmo tipo de submissão vivido pelas mulheres brancas de elite até inícios do século XX. Tampouco seu espaço de atuação foi unicamente o privado, reservado às bem-nascidas, uma vez que, pobres e discriminadas, se viram forçadas a lançar mão de uma gama de estratégias para sobreviver e fazer frente aos desafios cotidianos (NEPOMUCENO, 2013, p. 383)

Durante o período da era colonial e imperial, aos (às) negros(as) era negado a inserção dos mesmos no sistema educacional, daí, o pouco conhecimento que alguns conseguiam adquirir se dava através da ousadia que tinham de tentarem aprender, escondidos na calada da noite sob a pouca luz no interior de seus aposentos.

Apesar de toda a insurgência em diferentes lugares do território brasileiro, o povo negro ainda não garantia a educação de suas crianças. Louro (2018, p.445) afirma que

[...] A educação das crianças negras se dava na violência do Trabalho e nas formas de luta pela sobrevivência. As sucessivas leis, que foram lentamente afrouxando os laços do escravismo, não trouxeram, como consequência direta e imediata, oportunidades de ensino para os negros.

Ainda em meados do século XX, aquelas negras que tinham condições de pagar pela a educação de seus filhos assim o faziam, contratando professores ou instituições particulares, a fim de suprir a falta de escolas públicas que atendessem e aceitassem a condição racial desse público tão discriminado e ainda por falta de assistência por parte dos equipamentos governamentais da época. Usando desse mesmo artifício, pode-se apontar o caso da poetisa Auta de Souza e também o caso da professora, jornalista e deputada Antonieta de Barros, onde segundo Bebel Nepomuceno, Auta (1876-1901) foi criada pela avó materna analfabeta em uma chácara no Recife e alfabetizada por professoras particulares. Antonieta (1901 -1952) aprendeu a ler com estudantes que moravam em sua casa em Florianópolis transformada em pensionato pela mãe, lavadeira, após a morte precoce do marido.(NEPOMUCENO, 2018, p.390). Aqueles negros cuja situação financeira não permitia usar dos mesmos artifícios citados acima, cabiam-lhes a luta pela sobrevivência.

Mas deixando um pouco de lado a questão da educação e pegando um eixo na questão do trabalho, trabalho voltado para a população negra, principalmente no tocante ao papel da mulher neste meio, a este respeito o que se pode explicar? Será que com o fim da escravatura

seria fácil para este público ingressar no mercado de trabalho? Não foi. Segundo Nepomuceno (2018, p,385),

Abolida oficialmente a escravidão, o preconceito racial adquire nuances interpondo, obstáculos sutis, mas eficazes, aos que sonham com a mobilidade social sofregante experimentada por algumas poucas famílias de descendentes de africanos no período imediatamente anterior. Uma das faces mais cruéis e visíveis da reclusão deu-se no mercado de trabalho. Alijada por conta do preconceito racial dos postos abertos na indústria, no comércio ou no serviço público, a população negra encontrou poucas alternativas fora dos trabalhos intermitentes e pequenas atividades de baixa remuneração. Em vários pontos do país, a seletividade racial, mesmo nas ocupações mais subalternas, fez presente.

Mediante as indagações acima citadas, Nepomuceno (2018, p,385) exemplifica:

Não era raro encontrar anúncios como estes dos jornais do Rio de Janeiro: “Precisa-se de uma boa cozinheira alemã para casa de família de tratamento, paga-se bem,[...]ou ‘precisa-se de criada para todo o serviço em casa de família sem crianças, prefere-se estrangeiras, [...] o critério racial de seleção dos empregadores coadunava-se aos ideais de “branqueamento” bancados pelo Estado brasileiro.

Porém, essas senhoras da elite foram infelizes em serem atendidas em suas preferências (seleção de cor), visto que não havia muitas profissionais brancas nessa categoria disponíveis que atendessem à demanda, as exigências impostas e nem se permitiam sujeitar-se às precárias condições de trabalhos a qual submetiam-nas as senhoras empregadoras da época.

O desejo das patroas brasileiras de dotar suas residências de Serviços de pele clara, no entanto, esbarrava no baixo número de estrangeiras dispostas a se sujeitar às condições impostas pelas famílias contratantes, que implicavam, quase sempre, extensas jornadas de trabalho, ausência de direitos, parca remuneração, humilhação e abusos sexuais. Assim, apesar da discriminação, a presença de mulheres negras no serviço doméstico continuou predominante (NEPOMUCENO, 2018, p.385).

O censo de 1890 traz uma estimativa no que se refere à distribuição da população negra frente ao mercado de trabalho no país

O censo de 1890 (dois anos após a Abolição) revela que 48% da população economicamente ativa trabalhava nos serviços domésticos, 17% na indústria, 9% em atividades agrícolas, extrativas e na criação de gados, enquanto 16% exerciam outras profissões não declaradas (NEPOMUCENO, 2018, p.385).

Enquanto às mulheres negras cabia os trabalhos domésticos como meios a lhes proporcionar o sustento da família, ao homem negro não se vislumbrava muitas opções nem alternativas que lhes condicionasse a ser o provedor de seu lar, visto que os reflexos do preconceito em relação a questão da/o raça/negro o excluía-o completamente do mercado de trabalho, com isso cabia a mulher assumir o papel de provedora da família: “A maior parte das mulheres era que arcava com as despesas da família, porque eram importantes na época as empregadas domésticas, principalmente as negras pois elas sabiam lidar com a cozinha, com a limpeza e elas encontravam empregos mais facilmente que os homens” (NEPOMUCENO, 2018, p.386).

Segundo a autora aqui exaustivamente citada se esse público feminino não tivesse contado ao menos com essa possibilidade de trabalho, provavelmente não teriam resistido as prováveis privações sofridas, pois como ela bem diz: “Sem a sua cooperação e suas possibilidades de ganho, fornecidas pelos empregos domésticos, boa parte da ‘população de cor’ teria sucumbido ou fluído para outras áreas”.

Na escola ou no trabalho, o(a) negro(a) ou foi excluído ou foi colocado em um lugar secundário, sem a possibilidade de tomar decisões políticas, difundir os saberes dos seus povos. Se a educação superior é pública e gratuita, permitindo o acesso dos povos indígenas e quilombolas, isso já é resultado de muitas lutas coletivas. O que não se revela, contudo, são as lutas individuais para que cada aluno(a) permaneça na universidade. É sobre essa minha experiência que tratarei no item a seguir.

2 NARRATIVAS DE VIDA

Querida, o branco manda em tudo desde que eu me endento por gente, [Talvez o homem negro esteja no poder em algum lugar além do oceano, mas só sabemos o que vemos.] Por isso o branco larga a carga e manda o crioulo pegar. Ele pega porque tem que pegar, mas num carrega. Dá pras mulher dele. As crioulas é as mulas do mundo até onde eu sei. (Zola Neale Hurston, Seus olhos viam Deus, p.31.

Patrícia Hill Collins (2019), descreve no terceiro capítulo do livro *Pensamento Feminista Negro*, intitulado “Trabalho, família e opressão das mulheres”, uma questão crucial do pensamento feminista negro norte-americano a partir de uma analogia construída por meio da obra de Zora, Neale Hurston: “o trabalho da mulher negra, e especialmente sua vitimização como ‘mulas’ no mercado de trabalho. Como objeto de trabalho as mulas são máquinas vivas e podem ser tratadas como parte da paisagem” (COLLINS, 2019, p. 99).

Preciso pensar o processo de opressão social a partir do trabalho, mas não posso desconsiderar que “trabalho”, “família” e “educação” são narrativas que se entrecruzam em qualquer tentativa de reconstituição de minha própria vida. Pensei, no primeiro momento, que não haveria história significativa que pudesse ser narrada. Passei por angústias similares às de Perrot ao refletir sobre o desvelar da história das mulheres: “Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas? Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história?” (PERROT, 2007, p.16). Precisei aprender a valorizar a minha história como uma história dentre as muitas que agora estavam sendo vivenciadas pelas mulheres brasileiras.

Se as mulheres têm histórias a serem reveladas, se essas histórias são significativas para outras muitas mulheres por mais simples que pareçam, também as minhas histórias também podem compor uma malha narrativa que pode vir a interessar a mulheres que também são negras, mães, esposas, domésticas e graduandas.

Nesse sentido, a revelação da minha vida procura apresentar reflexões socioculturais para que eu possa, no momento que faço as escolhas que me descrevem, também possa fazer o exercício da compreensão do espaço-tempo que vivo. Assim, proponho a apresentação de três momentos de reflexão da “trajetória estudantil até o ensino médio”, “ensino superior” e “educação e maternidade”.

2.1 Trajetória estudantil até o ensino médio

Sou Francisca Rosilene Benevides Silva Pereira, negra, brasileira e filha de agricultores. Ainda na infância, com apenas dois anos de idade, minha família e eu, migramos do interior de Quixadá para Redenção. Meus pais tinham a expectativa de melhorias no âmbito da nossa condição social. Hoje, 2019, habitamos em Gurguri, distrito desta referida cidade.

Até onde consigo recordar (por vivência ou pelas narrativas familiares), a minha infância foi marcada por muito sofrimento, pois além da extrema pobreza, ainda tínhamos que lidar com a problemática do alcoolismo de meu pai, fator este que o fazia ficar extremamente agressivo. Esse era um dos grandes obstáculos a interferir na minha inserção na vida escolar, pois o mesmo me proibira de estudar, visto que considerava esse um fator desnecessário diante nossa extrema carência.

No artigo “Trabalho, escola e lazer”, de Silvia Fávero Arende, referente a essa questão, a referida autora relembra a necessidade do trabalho para os filhos e filhas das

famílias pobres ainda no século XX. Arende (2013, p. 76) historiciza que, àquela época, as filhas das famílias pobres

[...] não precisavam estudar, pois entendiam que as meninas desde muito cedo e sem escolaridade formal já tinham conhecimento suficiente para ajudar os pais na manutenção da família e, depois, sobreviver na vida adulta. Na zona rural, esse pensamento era ainda mais arraigado que na cidade.

Pareceu natural que, na minha família, começássemos a trabalhar tão cedo. Ou que o discurso do trabalho se fizesse presente em nosso cotidiano.

Minha mãe, um ser esplendido, visando sempre o melhor para os filhos, confrontou o meu pai – claro que não podia ser diferente! -, mesmo sabendo dos problemas que teria ao contrariá-lo. Assim, conseguiu dispersá-lo e todos os dias encontrava uma maneira de levar-me pra assistir as aulas, mesmo tendo que rotineiramente lidar com os insultos dele, indagando sempre sobre o que a fazia sair de casa todas as manhãs, inventando e reinventando desculpas durante os horários das minhas aulas para que ele não descobrisse que ela o contrariava.

Enfim, chegou o dia em que fomos flagradas. Eu estava estudando sim, e essa descoberta para ela rendeu uma sequência de agressões físicas e verbais da parte dele. Muito convicta do que poderia e deveria fazer, pois apesar de ser analfabeta, sempre acreditou que a educação seria a única herança que poderia nos ofertar, sabiamente pensou numa maneira de reverter essa problemática. E, sendo bem radical, separou-se dele, passando a residir com minha avó materna para não ceder às imposições dele. Assim, continuei indo à escola.

Esse evento da separação foi um marco na relação deles. Somente depois que ela saiu de casa, ele repensou sobre suas atitudes e permitiu que eu estudasse, pois foi esta a condição imposta pela minha mãe para reatar com o casamento.

Posterior aos eventos acima relatados, a minha trajetória escolar passou a fluir um pouco mais tranquilamente, entre aspas, pois agora já não precisava mais me esconder. Tinha finalmente permissão do meu pai para estudar. O espaço escolar era agora o ambiente que eu mais apreciava e me identifica, pois além de me proporcionar amplos conhecimentos, também me proporcionava lazer, alegrando muito minha vida, pois mediante a nossa mísera condição social, vivíamos privados de tudo, inclusive de moradia.

Segundo Arende (2013), ainda no início do século XX, havia pouco lazer para as meninas ricas. “Nos primeiros anos de vida, as sinhazinhas podiam brincar à vontade junto às

crianças que compunham o contingente de escravos e agregados. Mais tarde, eram apresentadas aos segredos dos bordados, da confecção de rendas e da costura [...]” (p.67). Por outro lado, as meninas negras já trabalham desde muito cedo. Naquele momento, não compreendia que a sociedade do final do século XX, assim como ainda no seu início, não olhava a criança como um sujeito de direito, só conseguia aproveitar cada momento de felicidade que a escola me proporcionava.

Por muito tempo, moramos com minha avó paterna. Depois, outros muitos anos com a avó materna. Em ambas, a vida familiar não deu muito certo. Até que meu pai construiu um barraco todo de palhas para morarmos. A casa não oferecia nenhuma comodidade: sem energia elétrica, sem brinquedos, sem nada, apenas sobrevivíamos. Tristeza, privações e as restrições eram constantes companheiras. Em casa eu não podia brincar, pois apesar da pouca idade já tinha diversas obrigações, que ia desde auxiliar nos cuidados com os irmãos, até as obrigações que exige-se de uma cuidadora de casa (doméstica), e claro na época, na minha concepção de criança, isso era uma tarefa árdua, pois privava-me de brincar como as outras crianças que não tinham as mesmas obrigações que eu. O fato de ser menina, negra e pobre são elementos que impactam bastante no cotidiano desse referido público, tudo se torna mais complexo.

Com base nas referências do ensaio mencionado desde o início, pode-se dizer que até meados dos anos de 1950, as vivências diárias, principalmente no que se refere à educação também não foi muito fácil para o público feminino dessa época. Estudar não era uma atividade muito comum, diz a autora no mesmo momento em que afirma que, que as “mulheres dessa época quase não conseguiam concluir o curso secundário[...] os castigos, as orações, as lições de canto e solfejo, as posturas vigiadas nas aulas de educação física e no refeitório, entre outras práticas caracterizavam o cotidiano escolar dessas estudantes” (ARENDE, 2013, p.72).

Retomando a problemática dessa pessoa que vos fala, além de todas as dificuldades até aqui descritas, devo salientar que a pior de todas foi lidar com a fome. Era uma grande raridade termos um café decente em casa. A nossa alimentação matinal era composta de farinha com sal e óleo, e quando mudava o cardápio, comíamos farinha com açúcar, bolacha ou outra coisa qualquer. Comíamos algumas vezes na casa do vizinho ou da minha avó paterna. Mediante o alcoolismo do meu pai, essa situação de miséria agravava-se diariamente, pois sempre que ele adentrava em casa, brigava com todos, proibindo-nos de ir para escola, e o que era pior, espancava minha mãe. Esse cenário sempre se repetia. Em outras ocasiões, chegava a jogar fora as poucas panelas com comida que ficavam sobre o fogão, então, era

muito normal meu apego com o espaço escolar. Lá, eu me sentia muito feliz, pois naquele ambiente eu podia ser criança, podia brincar e tinha algo que mais me interessava, a merenda que por muitas vezes eu pedia para repetir. Na verdade, o intuito era levar um pouco de comida para meu irmão que ficara em casa, sem ter nada pra comer, era só quando eu deixava de participar da recreação, para rapidamente dirigir-me até minha casa pra levar aquela segunda rodada da merenda para o meu irmão (sem que ninguém percebesse).

Eu também não tinha roupas nem calçados, nem ao menos podia comprar a farda escolar. Comprar um simples lápis também não podia, mas com tudo isso eu sempre ia para escola, ainda que privada de tudo. Mesmo com a concepção de criança, eu sabia que na escola obteria as ferramentas necessárias que me ajudariam a melhorar aquela realidade tão miserável, para que meus sonhos pudessem um dia realizados.

Nesse espaço tão almejado, contudo, eu também sofria, sofria com os insultos dos colegas, que se divertiam com aquele meu estado vulnerável. Tinha um aspecto de quase mendiga. Esses insultos se intensificaram muito a partir de uma infração que cometi. Eu furtei o lanche do meu colega, que era um enorme pedaço de pão. Na época, esse episódio me causou grande constrangimento, pois fui descoberta nesse infeliz deslize e fui obrigada a pedir desculpas em público na presença de toda a turma. Mas, por outro lado, finalmente eu tinha ingerido algo além de farinha naquele dia. Também naquele mesmo dia, aprendi que não se deve suprir suas necessidades subtraindo o que é do outro, mas enfim, apesar de tudo, nunca pensei em desistir, continuava com muita vontade de estudar, alimentando um grande sonho de que um dia seria professora. Sempre muito esforçada, participava de todas as atividades escolares, exceto das que eu precisasse pagar alguma taxa ou comprar alguma caracterização. Geralmente, nos eventos escolares, eu era aquela que só podia fazer o papel do maltrapilho, do palhaço, aquela que se vestia de homem para suprir a falta deles nos eventos promovidos pela a escola, pois uma garota negra e malvestida não serviria para outra função. Eu nunca pude ser a princesa, pois não era bela o suficiente e também não tinha roupas bonitas para me caracterizar como tal. Eu era sempre a gata borralheira. Na época, ninguém nunca percebia minha tristeza.

Não dá para esquecer um determinado episódio. Certo dia, na sala de aula, a professora, ao fazer uma dinâmica, pôs a classe inteira para rir de mim. Não foi intencional, eu sei, mas me deixou muito entristecida quando ocorreu. Eu não entendia que se tratava de um ato característico do racismo. Nessa tal brincadeira, ela fez-me sentir muito inferior diante de todos. Ela fez-me perceber o quanto eu era feia, a minha autoestima - que já não era tão boa - acabou desmoronando e ficou lá, soterrada naquela sala de aula da minha infância, pois

até os dias atuais não consegui superar o episódio. Eu não consigo me sentir bonita, nem acredito muito no meu potencial. É como se eu fosse constantemente a figurante, sem condições de assumir um papel relevante. Então, cresci com o sentimento de ser aquela que tinha como função principal servir, servir em casa, servir aos vizinhos, servir na escola, pois eu era pobre, negra e feia e com esse perfil, apenas servia para servir. Restava, então, o que “resta para a grande maioria das meninas sem recursos [...] o trabalho doméstico” (ARENDE, 2013, p. 76).

Esses eventos, apesar de me entristecerem muito, não conseguiram tirar minha vontade de estudar, de sonhar. E sonhei muito com a possibilidade de um dia fazer uma graduação, mas por não ver perspectiva de dias melhores, de um dia poder realizá-lo, sabia que nunca conseguiria pagar os custos mensais e outros gastos que pudessem vir agregado a estes. Então, mentalizei a ideia de que faria isso com o primeiro salário que eu viesse a ganhar na velhice, quando estivesse aposentada.

Enfim, eu fui uma daquelas crianças que não podia ser criança, a minha trajetória escolar sempre foi marcada por nunca poder fazer as coisas, ora por não ter dinheiro, ora por não ter disponibilidade de tempo, pois como já foi dito, uma das minhas principais atividades era auxiliar minha mãe, cuidando dos meus irmãos. Apesar de todos os obstáculos gosto de reafirmar que sempre consegui cumprir com as atividades curriculares.

Mesmo sendo criança, eu me sentia na obrigação de ajudar minha mãe a colocar comida em casa, pois a precariedade era imensa, não tínhamos dinheiro para comprar o essencial necessário para a subsistência de um ser humano, vivíamos sob uma condição sub-humana. Então, alguns serviços que ela arranjava, se fossem paralelos a outros que ela já tinha que cumprir, eu procurava ajudá-la, como: varrer o terreiro da vizinha pra ganhar alguns trocados, lavar uma roupa, auxiliar na faxina. Era assim que conseguia colaborar com a sobrevivência de meus familiares.

Silvia Favero Arende traz ainda em seu referido ensaio o discurso do qual ela coloca que para as filhas e filhos das famílias pobres, da mesma forma que no período histórico anterior, continuava a ser necessário trabalhar para garantir o sustento” (p. 72). Segundo a autora, na década de 1980,

[...] diminuiu bastante o número de meninas que trabalhavam como babás ou empregadas domésticas. Porém, essas jovens continuavam a realizar tarefas domésticas e a cuidar de seus irmãos mais novos em suas próprias residências. Suas mães necessitavam trabalhar e as creches existentes no país ainda eram poucas ou de difícil acesso” (p. 80)

Ela coloca ainda que “apenas uma parcela das meninas que trabalhavam tinha a possibilidade de estudar .apesar dos esforços de determinados governos no sentido de difundir o saber escolar para filhos e filhas dos trabalhadores urbanos” (idem). Para Arende, a jornada de trabalho exaustiva impedia as jovens e crianças trabalhadoras a frequentar assiduamente a escola.

Apesar do contexto em que estava inserida, durante toda a minha trajetória escolar, nunca reprovei disciplina, nem repeti de ano. Sempre conseguia passar com notas razoáveis. E assim, em meio a tantos altos e baixos , consegui finalizar o ensino fundamental. E ali estava eu mais uma vez com meu dilema, tínhamos que colaborar mensalmente com um real e cinquenta centavos, e, como sempre , eu não podia pagar esse valor e fiquei de fora da confraternização, participando apenas da missa, que foi celebrada em ação de graça. Como recordação desse dia, guardo com muito carinho meu certificado, pois não pude pagar por uma única foto.

Em 1999, eu iniciava o ensino médio na Escola Dr. Brunilo Jacó, onde agora eu lutava contra a resistência da minha mãe, que resolvera substituir o lugar de meu pai, impondo-se negativamente frente à questão que agora se criara, que era deslocar-me do campo para a cidade, pois no interior não se ofertava essa grade curricular em escolas dos distritos. Eu precisaria me deslocar até a sede de Redenção. Minha mãe não concordava, pois julgava ser de grande periculosidade para uma jovem, visto que as aulas eram noturnas e fazíamos o trajeto em uma caminhonete (pau-de-arara). Ela tinha razão, porque, por muitas vezes, o transporte quebrava e retornávamos para casa caminhando por uma estrada escura e de difícil acesso. Algumas vezes ainda, debaixo de chuva, pois no decorrer do percurso não havia onde nos abrigarmos. Mas como iria eu desistir de estudar por conta disso se até as meninas do século passado passaram a deixar suas casas em busca de ampliar seus conhecimentos ?

Segundo Arende (2013, p. 72), em meados do século XX, a sociedade brasileira esperava que as mulheres desempenhassem novos papéis no âmbito doméstico e na esfera pública [...] foi a partir dessa época que as filhas das famílias das elites e dos setores médios passaram a frequentar o curso primário, o ginásio e, eventualmente, o secundário nas escolas confessionais católicas femininas e de outras congregações religiosas presentes nas capitais dos estados da federação [...] além do externato ,contavam muitas vezes com um internato que acolhia as estudantes provenientes das cidades do interior.

Então, diante desse novo desafio, naquele ano de 1999, eu precisava driblar as minhas dificuldades referentes à situação financeira e buscar meios que me ajudassem a permanecer

estudando, uma vez que nessa referida instituição de ensino, não havia sequer livros didáticos. Eram os próprios professores que elaboravam apostilhas e colocavam a disposição dos alunos que podiam pagar pelo material em questão, infelizmente eu não tinha condições financeiras para arcar com esse gasto, agarrava-me apenas nas explicações das aulas, pois devido a longa distância existente entre minha casa e a escola, nem ao menos podia usar os poucos livros que haviam na biblioteca escolar, xerox nessa época era considerado ostentação, contudo, eu conseguia aprender, conseguia fazer as avaliações escolares e obter bons resultados, eu conseguia passar de ano.

Em 2000 eu já não precisava deslocar-me no pau-de-arara até a escola, pois nesse ano além de estudar eu passei a trabalhar em uma casa de família, onde fui ocupar a função de doméstica e também de baba.

Passei a morar com essa família, tendo que adaptar-me a um novo ambiente, com valores e costumes bem diferentes dos quais eu não estava acostumada. Devo dizer que este período foi o mais complexo de toda a minha vida, pois foi muito difícil morar com pessoas desconhecidas, que tentam moldar o indivíduo à maneira deles, como se fossem apenas robôs/máquinas. Eu não fazia ideia do quanto era difícil trabalhar e estudar, mas eu tive que ser forte e enfrentar essa dupla jornada, com menos tempo disponível para me dedicar a meus estudos, eu tinha que inventar estratégias para conseguir estudar para provas, ou ler para executar as simples tarefas escolares que eram direcionadas para fazer em casa, como por exemplo, para isso, eu precisava colar os conteúdos nas paredes, onde eu estava a lavar louça ou roupas ou na parede próxima da mesa onde eu iria engomar ou na outra que estaria próxima de onde eu iria sentar para brincar com a criança da qual eu era a cuidadora.

Quando me lembro dessa fase da minha vida, fico analisando e perguntando-me, como pôde ter dado certo? Daí vem-me na cabeça o trecho da fala de Paulina Chiziane, em que ela compartilha suas vivências:

Sou mulher comprometida com diversas ocupações. Tenho o emprego, principal fonte do sustento. Tenho a casa e a família. E tenho o sonho da escrita para realizar. O trabalho da escrita é mais árduo e solitário. Para escrever e preciso planificar, arquitetar as ideias, investigar, ler e conversar. Como posso eu harmonizar todas essas ocupações? Falta-me tempo para tudo, é verdade. Mas o que devo fazer? Desistir dos meus sonhos?" (CHIZIANI, 2013, p. 203-204).

Então, faço minhas as palavras da autora, pois basicamente tenho as mesmas ocupações com o diferencial no meu sonho de conseguir fazer uma graduação e, assim como para ela, falta-me tempo. Mas apesar dos empecilhos, eu até consegui estudar e trabalhar, proporcionando

assim, uma melhoria nos proventos da família, pois o pouco dinheiro que eu ganhava, proporcionava-lhes o que eu nem no sonho mais remoto ousava pensar em ter.

À medida em que o tempo ia passando, mas uma vez e chegou o momento em que a turma escolar começa a articular-se e pensar como se daria a festa de término de curso do ensino médio, e mesmo trabalhando, eu não pude participar. Desta vez, nem da missa em ação de graças, pois além de precisar colaborar mensalmente com uma quantia que diante do pouco recurso financeiro que eu ganhava, era exorbitante, ainda tinha a questão da roupa, pois haviam combinado um tipo padronizado e eu, como sempre, não pude comprar. Mas isso não me entristeceu tanto, pois eu tinha o conforto de saber que tinha conseguido o meu certificado, eu havia conseguido concluir o ensino médio, evento esse que poucos jovens com a mesma idade e condição social que eu tinham conseguido conquistar na época.

4.2.2 Ensino Superior

Após concluir o ensino médio eu passei apenas a me dedicar ao trabalho, que cada vez consumia-me mais o tempo, pois não é tarefa muito fácil executar tarefas domésticas somadas à responsabilidade de cuidar de duas crianças. Assim, eu cai completamente no comodismo, parei totalmente de investir nos estudos. Não tinha ânimo nem para pensar em lazer, que diria estudar novamente. Naquele momento, considerava como meta da vida poder, após uma longa quinzena de trabalho, ir para a casa de minha mãe, descansar, e dormir um pouco, pois para conseguir executar todas as tarefas da casa onde trabalhava, geralmente, eu estendia a jornada de trabalho até altas horas da noite, muitas vezes, indo até quatro horas da madrugada. E mais uma vez Paulina Chiziane vem fazer referência nas minhas escrituras, pois referente a problemática em questão ela traz a seguinte narrativa :

No fim da jornada de oito horas de trabalho regresso ao lar, muitas vezes exausta cuido da casa, da cozinha e das crianças. Quando todos dormem é que escrevo porque necessito de tranquilidade e silêncio. Consigo conciliar estas atividades porque imponho sobre mim uma disciplina religiosa. Mas por vezes falho.(...) “Não são poucas as vezes que a família reclama um pouco mais de atenção. Por vezes, nem tenho tempo de cuidar de minha aparência e apareço na rua com um aspecto desastroso. Há momentos em que o trabalho me esgota tanto que na manhã seguinte tenho dificuldades em acordar (2013, p. 204).

Um das crianças que eu cuidara cresceu, e agora ela tentava convencer-me de que precisava voltar a estudar. Eu não dava muita importância, pois achava que era um fator fora de cogitação me sentia incapaz para tanto. Ela, porém, não desistiu de mim, no fundo sabia que eu estava nesse estado de comodismo justamente por ter passado tanto tempo dedicada tão somente aos cuidados dela e de sua família.

Considerando que agora seria mais fácil adentrar num instituto acadêmico público, justamente por conta do projeto da UNILAB que fora implantada em nossa cidade, que a mesma inscreveu-me no ENEM na tentativa de me inserir novamente no meio social. Confesso que resisti um pouco, pois estava com preguiça de fazer uma prova que demandava tantas horas, mas enfim, fiz. Não gostei nem um pouco da experiência. Após isso, passei a ter a sensação de que eu não aprendera nada no decorrer do meu processo estudantil, não obtive uma boa nota na primeira tentativa, mas confesso que ao menos me esforcei. Então, não foi dessa vez.

Mais um ano se passou e eu apenas trabalhava, não tinha vontade ao menos de fazer um curso profissionalizante. Nesse período, eu estava mesmo preocupada se iria conseguir ou não um namorado, pois julgava-me uma jovem sem beleza. Quem iria namorar uma preta e ainda feia? Enfim, encontrei uma pessoa que se interessou por mim. Casei com o jovem Antonio Paulo, também filho de agricultores, que viviam na mesma situação financeira que a minha, mas com um diferencial. Ao contrário dos meus pais, ele incentivava-me a estudar, dizia para eu procurar especializar-me em outra profissão, que não me limitasse a ser apenas uma doméstica. Assim, mais uma vez, eu fiz o exame nacional do ensino médio, me inscrevi no curso BHU e Letras, na UNILAB. Desta vez, eu conseguira ser convocada para fazer a pré-matricula. Porém, por não ter dado tantos créditos à minha capacidade, eu não compareci no instituto no tempo solicitado e perdi o prazo de matricula.

No ano seguinte, mais uma vez fui inscrita no ENEM. Dessa vez, mais atenta, logo vi que fui selecionada para o curso Bacharelado em Humanidades. E tão grande foi a surpresa que eu custei a acreditar que se tratava mesmo da minha pessoa aqueles dados naquela lista de classificados.

Estava eu agora com o status de graduanda do BHU na Unilab, com a oportunidade de obter minha graduação tão almejada antes de atingir a terceira idade, como havia previsto anteriormente.

Um imprevisto ocorreu. Antes mesmo do início das aulas, dei-me conta de que estava grávida. Então, por um instante, vi meu sonho de cursar uma faculdade indo

embora, pois jamais eu poderia pagar uma cuidadora para minha filha. Com minha mãe não poderia deixá-la, pois a mesma trabalha. Com minha sogra, também não dava para deixá-la. Tanto eu quanto meu esposo não temos irmãs mulheres que pudessem ajudar. Havia, contudo um desejo que permanecia. Eu queria experimentar a sensação de frequentar uma universidade, de saber como seria a convivência, como seriam as aulas, como seriam os professores?

Então, resolvi estudar ao menos até o nascimento da minha filha e nesse período dedicava-me aos estudos, na tentativa de acompanhar o desempenho dos colegas, mesmo sabendo que isso seria um evento quase impossível, pois não me sobrava muita disponibilidade de tempo para ler os textos das componentes curriculares, para executar os trabalhos acadêmicos, principalmente os individuais. Um outro grande empecilho, era que não sabia e ainda não sei digitar, nem ao menos tinha computador, mas dessa vez mudei o discurso de que não poderia adquirir um. O auxílio proporcionado pela Unilab permitiu-me esse feito, mesmo que parcelado em vinte e quatro vezes. Devo dizer que elaborava tudo manuscrito e procurava alguém que pudesse digitalizar. Muitas vezes, eu pagava por isso, outras vezes usava da solidariedade dos amigos. E assim ia conseguindo permanecer no curso.

No que se refere a essa questão de abandonar o curso após o nascimento da minha filha Andressa, foi mudando a partir do decorrer dos semestres. Eu não queria mais desistir, concluir a graduação era um dos meus maiores objetivos foi então que dei –me conta de que não precisava trancar nem tão pouco desistir, mas eu tinha a opção de trazê-la comigo pra faculdade, e assim prosseguimos juntas.

Considero que a trajetória mais difícil no curso, foi a época dos últimos meses de gestação a passando e ficava cada vez mais difícil a minha permanência no instituto, pois eu sentia muita indisposição, sentia falta de ar, muito enjoo, sem citar, os transtornos enfrentados nos ônibus, onde os colegas, por muitas vezes não cedia lugar pra sentar, e ainda me apertava contra os outros, as dificuldades se intensificaram pois eu ficava cada vez mais inchada, não consegui mas me descolar até a faculdade, foi então, que entrei com o pedido de regime especial, o qual eu considero que não faz jus ao nome que tem, “especial”, pois não se tem a preocupação de fornecer os conteúdos de estudo a tempo da pessoa realizar um bom trabalho, não levam em consideração que a pessoa estar num estado físico e emocional limitado, debilitado, na minha concepção, acho que as coordenações dos cursos deveriam levar a situação dessas alunas em regime não presencial até o conhecimento dos seus respectivos professores e cobrar dos mesmos essa pontualidade com os conteúdos, posso dizer que nesse período eu quase enlouqueci, mas enfim, a

Andressa nasceu de um parto cesariana ,e sem ninguém pra mim ajudar em casa com os trabalhos acadêmicos, eu tive que mais uma vez superar a dor da cirurgia, conciliar os trabalhos que chegam pra mim na reta final do semestre entre uma mamada e outra da minha filha ,e por meio do WhatsApp eu precisei pedir pela ajuda de uma colega de turma que muito me auxiliou nessa trajetória acadêmica a Daniele Silva , onde através desse aplicativo ela recebia meus textos manuscritos , digitalizava e enviava aos respectivos professores , essa referida pessoa praticamente me carregou nas costas, na tentativa de me ajudar a resistir e com o auxílio dela , eu venho conseguindo sim resistir , pois a ajuda dela parte desde fazer a minha matricula nas componentes curriculares, até por quase todas as vezes digitar todos os meus trabalhos e ainda só fazia dupla ou grupo junto comigo , a fim de poder sempre me ajudar, gratidão e o que carrego por essa pessoa maravilhosa.

Com dois meses após o parto eu retornara para o trabalho e também para a faculdade, pois devido minhas limitações físicas , eu me afastara dos referidos recintos com sete meses de gestação, até então se eu considerava que era difícil conciliar trabalho e faculdade ,era porque eu não tinha noção do quanto que com filhos as coisas ficariam mais densas , se antes eu dormia tarde ,agora eu pouco durmo ,pois ao retornar das aulas que são noturnas ,com minha filha , preciso cuidar dela para colocá-la pra dormir , para entao , ler os textos ou fazer algum trabalho , isso quando sem querer falho , ou seja durmo , por conta do esgotamento físico , pois ao amanhecer ,tenho que trabalhar. Tive bastante dificuldades para elaborar meu TCC, continuo com a mesma dificuldade para elaborar o TCC3 , pois a minha rotina de trabalho que em nada mudou , não me permite ter muita disponibilidade de tempo para fazer as leituras ,sentar e tentar escrever , se leio a noite , preciso esperar pela a noite seguinte para poder escrever sobre o que li . A minha atividade laboral exige constantemente que eu esteja ativa , e com isso aumenta inclusive a minha dificuldade na formação acadêmica, pois como poderei participar dos eventos do instituto para suprir as horas complementares e de extensão exigida? Referente a isso, penso que o instituto deveria promover alguns eventos noturnos para privilegiar aqueles graduandos que não podem participar dos eventos diurnos ;No tocante as graduandas que são mães , o que o instituto oferece para subsidiar essas mães com suas crianças? Pois como mãe acadêmica do instituto posso dizer que , a higiene fisiológica da minha filha e feita nos corredores com a ajuda das colegas , pois o banheiro não oferece condições para tal , outro fator que muito dificulta as nossas vidas nessa jornada , e o deslocamento de casa ate a

faculdade , pois a parada do ônibus é muito distante ,nem um ser humano , sem poderes naturais e capaz de resistir a tamanho esforço físico , pois o trajeto a pé é feito com nossas crianças no colo ,nem todo dia tem -se o dinheiro para alugar um transporte que nos leve ao menos na parada determinada, creio que quando pensaram em cortar gastos , não pensaram muito nos transtornos que isso causaria ,esqueceram de pensar nas mães que levam seus filhos pequenos para a faculdade. Falando bem daqui do meu lugar de fala , posso afirmar que dá muita vontade de desistir , mas também tem-se muita vontade de resistir, pois já basta , o que se escreveu na história traçada para as mulheres ,onde muitos afirmam e reafirmam que o lugar das mesmas tem de ser dentro de casa ,cuidando da casa , do esposo e dos filhos ; eu não quero reforçar o discurso de que parei de estudar porque passei a ser mãe ;Não , prefiro prosseguir na luta na tentativa de conseguir concluir minha graduação , mesmo diante de tantas dificuldades , mesmo sendo uma componente da classe trabalhadora, negra, ganhando os proventos a partir de uma profissão que é característica da preta , eu prossigo com o lema de um professor muito querido, Paulo Maia, o mesmo tem um projeto chamado um passo à frente , e participando com ele desse projeto , eu carrego comigo a fala dele onde sempre nos disse para lembrar do quanto queremos atingir a nossa meta ,”EU QUERO, EU POSSO, EU CONSIGO.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha trajetória de vida deu-se e ainda continua repleta de conflitos e é fragmentada pela minha condição social precária, somada ao fato de ser eu uma mulher negra e com padrão de beleza que foge do que é imposto pela a sociedade, esses fragmentos me transformaram numa pessoa cheia de conflitos e inseguranças com um grau considerável de baixa estima até mesmo perante as próprias mulheres negras, o que me faz conviver diariamente com um sentimento de impotência e comodismo. Esse comodismo impactou na minha vida, levando-me a contentar-me com a primeira oportunidade de trabalho que surgiu, a função de empregada doméstica. E apesar de esta ser uma profissão que não tem visibilidade social , pelo menos na minha vida, ela traz um certo significado de aspectos positivos e negativos. Foi através do trabalho que consegui conquistar minha casa própria e posteriormente subsidiar financeiramente minha família, mas em compensação é uma profissão em que não se consegue produzir/avançar/render, tornando-se um trabalho

cansativo, onde quem atua nele fica impossibilitado de participar de outros eventos, visto que é um serviço repetitivo, portanto ficamos presos a ele.

Há exatos um ano e cinco meses, mais precisamente em oito de março de dois mil e dezoito fui contemplada com o privilégio de ser mãe, mãe de uma graciosa menina, evento este que revolucionou minha vida, pois pela primeira vez senti-me feliz e finalmente encontrei sentido para a minha vida. Pena que não posso atuar sendo a mãe que realmente gostaria de ser e que ela merece ter, visto que necessito trabalhar e também, fiz a opção não sei se muito acertada de estudar, sou formanda do curso de bacharelado em humanidades da Unilab/CE, e além de obrigatoriamente buscar meios que também possibilite-me cumprir meu papel de esposa que por sinal devido a tantas ocupações está ficando um pouco defasada, pois após passar a semana morando no meu local de trabalho, e retornando para minha residência apenas nos finais de semana, o meu tempo fora do emprego passa-se a dividir-se em cuidados com a filha, execução dos afazeres domésticos da minha casa e posteriormente, as atividades acadêmicas. Após isso, meu esgotamento físico e psicológico se torna maior que a minha vontade de cumprir a função/obrigação de esposa e até mesmo de cuidar do aceio higiênico, onde perdi a noção de quantas vezes amanheci sem tomar um banho ou escovar os dentes, devido meu corpo não conseguir reagir, após eu decidir adiar o término de algo que estivesse inacabado também, colocando ambos em um cenário no qual eles parecem estarem protagonizando o papel de meros figurantes. Essa involutária falta de atenção, decorrente do montante de tarefas que diariamente tenho que cumprir, deixa-me com um sentimento de que não sou gente, sou apenas uma máquina programada para executar tarefas.

Ao que se refere ao meu desempenho na universidade, percebo que se dá de modo muito precário, pois uma pessoa que precisa diariamente cumprir tantos compromissos, só poderia satisfatoriamente cumprir seu papel através de meios sobrenaturais, se assim fosse possível. Tenho bastante dificuldades em realizar minhas atividades. É comum não conseguir fazer as leituras completas dos textos, tenho dificuldade para compreendê-los e mais ainda para até elaborar meus próprios escritos. Só consigo fazê-los com a ajuda de vídeo aulas ou de resenhas. Durante os dois anos, não consegui superar a minha dificuldade em produzir textos, nem tão pouco consegui superar meu gigantesco problema com a oralidade. Todos esses bloqueios vem diretamente me prejudicando bastante, visto que em meio a três tentativas de produzir meu trabalho de conclusão de curso não obtive êxito, portanto, precisei abrir mão da tentativa de defender um projeto, e tentar elaborar um ensaio auto biográfico.

Mas devo reconhecer que durante o meu percurso no BHU, aprendi a lidar com situações (racismo/preconceito), que antes eu ao menos entendia como tal, além do mais, ajudou-me a passar por meu processo de transição, ajudando -me a perceber a importância da nossa auto-aceitação e ainda sair do anonimato, pois fazendo uma análise dessa pessoa que vos fala antes e depois do curso, percebe-se que atualmente, sou uma pessoa um pouco mais sociável.

Apesar dos obstáculos, o BHU proporcionou-me muitas coisas relevantes, que vai desde a interação com pessoas com o mesmo grau de dificuldade, àquelas que são mais felizes na sua trajetória acadêmica, assim como a liberdade que se tem ao que se refere a interação com nossos docentes e ainda o bom convívio com muitos dos funcionários do referido instituto, o que nos dá uma sensação de alívio, a retórica de saberes que acontece diariamente, somada ao fato de saber que sou uma membro de uma universidade federal, traz um certo sentimento de empoderamento, além do mais, essa oportunidade única, traz-me a expectativa, de que após a minha formação, novos horizontes se abrirão no âmbito de uma profissão que tenha mais relevância, onde permita-me a oferecer para a minha filha um pouco do que me foi negado, que são, condições básicas de sobrevivência.

A permanência no espaço acadêmico de uma mulher negra que é trabalhadora e mãe e que por conta da precária condição financeira, precisa levar a filha para o espaço de trabalho, e também para o espaço acadêmico, pode-se dizer que não é uma situação muito cômoda de se viver, e quem usa desse artifício vive constantemente com a sensação de que não irar resistir, com o sentimento de total incredulidade, mas a ansia por melhorias nos dar razões para continuarmos resistindo. Para mim, esse processo de formação esta demasiadamente judioso, mas acredito que futuramente serei bem recompensada. Essa experiência em si trouxe-me um sentimento inovador.

Trazendo simultaneamente aspectos negativos ao que se refere as necessidades/dificuldades enfrentadas no âmbito de cuidar/higienizar minha filha dentro do instituto onde todos os dias executo essa tarefa nos corredores, no colo com a ajuda imprescindível das colegas, pois os banheiros disponibilizados não são estruturados para atender os necessários cuidados com crianças, principalmente, quando se trata de bebês. Assim como uma imensa dificuldade, em cumprir a carga horária extra curricular (horas complementares /extensão), pois diurnamente preciso cumprir horários no emprego e á noite, frequentar as aulas das componentes curriculares, então em qual horário irei cumprir essa exigência curricular?

Essa problemática a meu ver é um fardo demasiadamente pesado ,não é fácil desempenhar múltiplos papéis e ainda aventurar-se a estudar ,e para as mulheres que precisam usar desse artifício ,seria interessante que o instituto universitário pudesse ofertar espaços que atendessem esse público em questão ,inclusive no período noturno ,não esquecendo de mencionar o nosso deslocamento com nossos filhos ,de nossas casas até a universidade ,que sem termos condições de alugar transportes semanalmente para fazer este percurso, precisamos usar o intercâmbio que devido a excessiva distância do ponto de acesso entre o mesmo e nossas casas está quase que humanamente impossível fazer o uso do mesmo .

Todos os obstáculos aqui relatados, levam-me a crer que mesmo que eu não consiga concluir minha graduação, saio com o sentimento de dever cumprido , pois o percurso que até aqui trilhei foi árduo, mas dotado de muita perseverança , o que já faz-me sentir uma vencedora.

REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher, por uma nova visão do mundo. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, v. 5, n. 10, Abril de 2013 p. 199 – 205.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In*: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: 2018, p. 443.

Habne. Mulheres da elite. *In*: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.

NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo ignorado. *In*: PINSKY, Carla B. e PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.